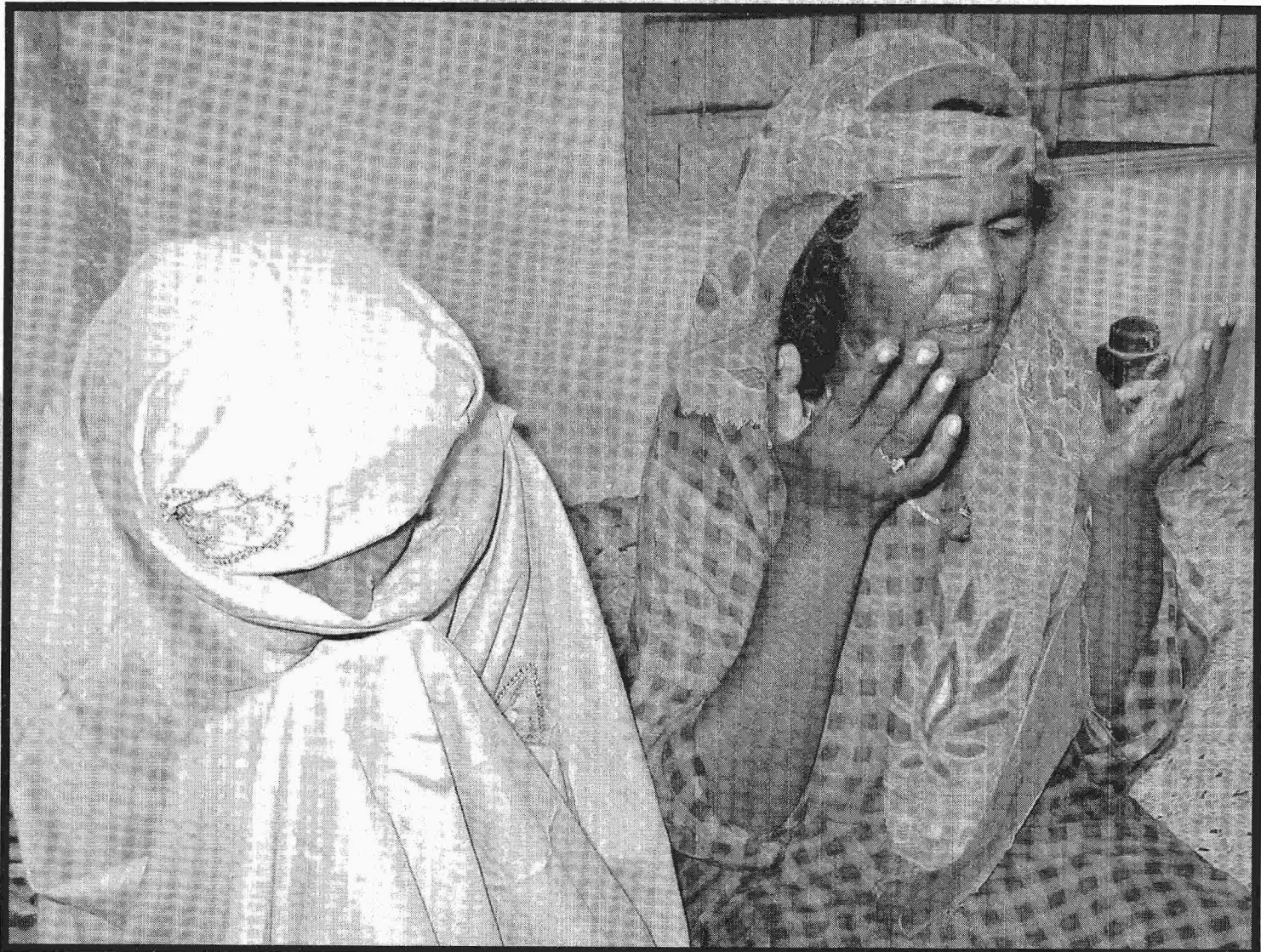


Governo indeniza professora violentada por quatro homens por ordem de um tribunal. Seu crime: ser irmã de jovem que namorou mulher de outra casta

Khalid Tanveer / AP



A PROFESSORA MUKHTAR MAI (E) E SUA MÃE CONTAM O PESADELO SOFRIDO PELA JOVEM NA MÃO DOS ESTUPRADORES: "ELES ERAM COMO ANIMAIS"

# Estupro como punição

Da Redação

**O** estupro de uma professora de 18 anos, punida por um conselho tribal por um crime cometido por seu irmão de 12 anos, gerou um escândalo tão grande dentro e fora do Paquistão que até o governo federal teve que intervir para melhorar a imagem do país. Sob ordens do presidente Pervez Musharraf, a ministra paquistanesa de Assuntos Femininos, Attiya Anaytullah, entregou ontem à família da moça um cheque de indenização de US\$ 8 mil. E prometeu que uma escola será construída em homenagem à vítima, Mukhtar Mai.

Mai, da casta Gujjar, foi violentada quatro vezes no dia 22 de junho por ordem de juizes tribais da região de Punjab, como um castigo pelo fato de seu irmão Abdul Shakoore ter se relacionado com Salma Bibi, uma mulher de 22 anos pertencente a uma casta superior, os Mastoi. A polícia paquistanesa prendeu ontem um dos estupradores, Abdul Khaliq, mas continua à procura dos outros três. Oito familiares dos suspeitos foram detidos, como medida de pressão para que eles se entreguem às autoridades.

A sentença da *jirga* local (tribunal popular) foi decidida há um mês. Apesar de os tribunais tribais serem ilegais, eles ainda são muito procurados pelas populações das áreas rurais. Nos últimos dias, porém, a Comissão

dos Direitos Humanos do Paquistão tem pedido com insistência o fim das punições tribais.

Abdul, o irmão da vítima, também não saiu ileso do caso. Por ter se relacionado com Salma, o menino recebeu uma surra com pedaços de paus por parte da família da moça, que depois recorreu ao tribunal tribal.

A sentença contra Mai foi cumprida por dois irmãos e um primo

de Salma Bibi, além de um dos membros da *jirga*, em uma casa de barro no povoado de Meerwala, enquanto do lado de fora cerca de 500 pessoas gritavam e davam gargalhadas. "Eu rezei e implorei, mas eram como animais", conta Mai. "Um deles colocou uma arma na minha cabeça enquanto os outros arrancavam minha roupa". Ela ainda foi obrigada a voltar nua para casa.

MEDO

**A** família da jovem ficou uma semana paralisada de medo e impotência. Eles pertencem à tribo Gujjar, casta inferior à Mastoi — que é muito mais influente. Por isso, temiam denunciar o caso e estimular as represálias da tribo Mastoi. No fim de semana passado, um grupo de advogados apresentou queixa formal à polícia de Meerwala.

Os pais do garoto agora acusam a tribo Mastoi de fabricar as acusações para esconder o fato de o menino ter sido sodomizado por três homens Mastoi. Eles contaram à polícia que seu filho foi vítima de abusos sexuais quando trabalhava num campo, em junho. Quando ele ameaçou contar tudo, os homens o trancaram num quarto com Salma e o acusaram de manter relações com ela.

Segundo os moradores de Meerwala, este foi o segundo estupro cometido na região recentemente. Há uma semana, uma garota de uma vila próxima se suicidou depois de ter sido violentada por dois homens de tribos locais. Dois suspeitos foram presos. Nas zonas rurais do Paquistão onde imperam os tribunais tribais, a sentença por infidelidade feminina, comprovada ou não, é quase sempre a morte. Segundo estudo citado pelo jornal *The Times*, mais de 300 mulheres são assassinadas a cada ano no Paquistão em nome da honra. E uma violação ocorre a cada duas horas.

## MEMÓRIA 82

### Luta mundial salvou a vida de nigeriana

*Casos de sentenças injustas e cruéis contra mulheres na África e em países islâmicos têm chamado a atenção da comunidade internacional. Em outubro de 2001, a nigeriana Safiya Hussein foi condenada à morte por apedrejamento por um tribunal islâmico do noroeste da Nigéria. Viúva, a camponesa de 35 anos foi acusada de adultério, depois de ter dado à luz à filha Adama. O pai da menina era um primo distante e influente que a violentou.*

*O caso foi transformado em símbolo da luta interna-*

*cional em defesa dos direitos humanos e das mulheres. Só na Espanha, a Anistia Internacional (AI) reuniu cerca de 350 mil assinaturas contra a execução, enviadas ao presidente nigeriano, Olusegun Obasanjo. Em março deste ano, o Alto Tribunal da Shari'a (lei islâmica) de Sokoto (noroeste) absolveu Safiya. A luta agora é por Amina Lawal, outra nigeriana também acusada de adultério e condenada a morrer por apedrejamento no estado de Katsina (norte). Ela foi sentenciada pelo tribunal islâmico de Bako, depois de confessar uma gravidez após o divórcio. A AI espanhola já conseguiu 444.350 assinaturas contra a execução da jovem. O processo de apelação de Lawal ainda está em andamento.*